ISSN: 2675-7222

SAS
South American Sciences

ENREDOS E MEMÓRIAS DOS MUNÍCIPES SOBRE AS DINÂMICAS SOCIAIS NA CIDADE DE QUELIMANE: UMA ESCUTA ORIENTADA PELA METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL, NOS PERÍODOS 2024-2025

PLOTS AND MEMORIES OF CITIZENS ON SOCIAL DYNAMICS IN THE CITY OF QUELIMANE: A LISTENING APPROACH GUIDED BY ORAL HISTORY METHODOLOGY, DURING THE PERIOD 2024-2025

https://doi.org/10.63330/sasciencesv6n2-306

Submetido em: 26/10/2026 e Publicado em: 10/11/2026

SAS: e26535

João Baptista Francisco
Docente Universitário – Universidade Licungo-Moçambique, Pesquisador, Editor Associado na Revista História nas Margens- Brasil; Mestrando em História Regional e Local-UNEB)
E-mail: larsenbaptista2023@gmail.com
Lattes: https://lattes.cnpq.br/6190308442709463

Bruno Domingos Mendiate
Docente Universitário – Universidade Licungo-Moçambique, Pesquisador, Chefe de Repartição de Ensino de História; Doutorando em História de África Contemporânea na Universidade Pedagógica de Maputo
E-mail: bmendiate@yahoo.com.br

Óscar Castiano Modesto Zumbire
Docente Universitário – Universidade Licungo-Moçambique, Pesquisador, Chefe de Repartição de Ensino de Ciências Sociais.

José Gopa Agostinho Muchacuar
Docente Universitário – Universidade Licungo-Moçambique, Pesquisador; Doutorando em História de África Contemporânea na Universidade Pedagógica de Maputo.

Felizardo Bernardo Camões
Docente Universitário – Universidade Licungo-Moçambique, Pesquisador; Doutorando em Estudos de Desenvolvimento pela Universidade Politécnica – Moçambique
E-mail: felizardocamoes84@gmail.com

Janotas do Rosário Nativo
Docente Universitário – Universidade Licungo-Moçambique, Pesquisador; Mestrando em Gestão Ambiental na Universidade Licungo
E-mail: janotanativo@yahoo.br

Cássimo Manuel Jamal
Docente Universitário – Universidade Licungo-Moçambique, Pesquisador; Doutorado em Estudos Culturais na Universidade do Minho – Portugal.

Resumo

O presente estudo, intitulado “Enredos e Memórias dos Munícipes sobre as Dinâmicas Sociais na Cidade de Quelimane: uma escuta orientada pela Metodologia da História Oral, nos períodos 2024-2025”, teve como foco central a análise das dinâmicas sociais da cidade de Quelimane a partir das narrativas dos seus habitantes. A pesquisa partiu do seguinte problema: como os munícipes de Quelimane percebem, interpretam e atribuem significado às transformações sociais, económicas, urbanas, culturais e ambientais ocorridas na cidade? O objetivo geral consistiu em analisar as dinâmicas sociais de Quelimane com base nas memórias e experiências dos munícipes, valorizando os seus testemunhos como fontes de conhecimento histórico e social. Metodologicamente, o estudo adoptou uma abordagem qualitativa, fundamentada na História Oral, complementada pela pesquisa bibliográfica, documental, iconográfica e pela observação direta. O referencial teórico metodológico apoiou-se nas contribuições de Hampâté Bâ, Vansina, Meihy, Alberti, Montenegro, Faria, Rovai, Costa, Thompson e Portelli, cujas reflexões destacam a relevância da oralidade, da memória e das narrativas na construção do conhecimento histórico e na valorização das experiências dos sujeitos sociais. Os resultados permitiram identificar cinco dimensões fundamentais das dinâmicas sociais da cidade: urbana e infraestrutural, económica e laboral, educativa e sociopolítica, cultural e identitária, e ambiental e territorial. As narrativas evidenciaram avanços na mobilidade urbana, na expansão do ensino superior e na consciencialização social, mas também revelaram desafios relacionados com o desemprego juvenil, a fragilidade das infraestruturas, a preservação cultural e os problemas ambientais. Conclui-se que a História Oral permitiu compreender a cidade de Quelimane através das perceções dos seus habitantes, evidenciando a memória coletiva como elemento fundamental para a interpretação das transformações sociais contemporâneas.

Palavras-chave: Desenvolvimento Urbano; Dinâmicas Sociais; História Oral; Memória Coletiva; Quelimane.

Abstract

This study, entitled “Plots and Memories of Citizens on Social Dynamics in the City of Quelimane: a listening approach guided by Oral History Methodology, during the period 2024-2025”, focused on analysing the social dynamics of the city of Quelimane through the narratives of its residents. The research was guided by the following question: How do citizens of Quelimane perceive, interpret, and assign meaning to the social, economic, urban, cultural, and environmental transformations taking place in the city? The general objective was to analyse the social dynamics of Quelimane based on the memories and experiences of its inhabitants, recognising their testimonies as valuable sources of historical and social knowledge. Methodologically, the study adopted a qualitative approach grounded in Oral History,

complemented by bibliographical, documentary, and iconographic research, as well as direct observation. The theoretical framework drew upon the contributions of Hampâté Bâ, Vansina, Meihy, Alberti, Montenegro, Faria, Rovai, Costa, Thompson, and Portelli, whose works highlight the importance of orality, memory, and narrative in the construction of historical knowledge and in the appreciation of human experiences. The findings revealed five major dimensions of the city's social dynamics: urban and infrastructural; economic and labour-related; educational and socio-political; cultural and identity-related; and environmental and territorial. The narratives indicated progress in urban mobility, higher education expansion, and social awareness, while also exposing challenges related to youth unemployment, weak infrastructure, cultural preservation, and environmental issues. The study concludes that Oral History enabled a deeper understanding of Quelimane through the perceptions of its inhabitants, demonstrating that collective memory plays a fundamental role in interpreting contemporary social transformations.

Keywords: Collective Memory; Oral History; Quelimane; Social Dynamics; Urban Development.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo integra uma produção científica conjunta de docentes da Repartição de Ensino de História da Universidade Licungo, concebida no âmbito da necessidade de ampliar e consolidar a produção bibliográfica académica disponível para os munícipes da Cidade de Quelimane. A pesquisa surge como resultado das reflexões suscitadas pelas duas últimas celebrações comemorativas da elevação de Quelimane à categoria de cidade, momento que despertou a necessidade de promover uma análise mais aprofundada sobre as transformações históricas, sociais, culturais, económicas e políticas que têm marcado a trajetória desta urbe. Neste contexto, o estudo procura captar e valorizar as vozes, memórias e experiências dos munícipes, reconhecendo-os como protagonistas na construção da história local.

Para tal, recorre-se à metodologia da História Oral, que para Montenegro (2007), constitui uma metodologia de investigação que valoriza a memória e os testemunhos dos indivíduos como fontes legítimas para a produção do conhecimento histórico. Por meio das narrativas orais, torna-se possível recuperar experiências, perceções e interpretações dos sujeitos sobre acontecimentos vividos, permitindo o acesso a versões da história que muitas vezes não se encontram registadas nos documentos escritos.

A partir das narrativas dos diferentes atores sociais, pretende-se analisar as mudanças registadas nas diversas esferas da vida citadina, identificando continuidades, rupturas, desafios e perspetivas que caracterizam o desenvolvimento de Quelimane. Desta forma, o estudo não apenas contribui para o enriquecimento do acervo bibliográfico sobre a cidade, mas também favorece a valorização da memória coletiva e o fortalecimento da identidade histórica dos seus habitantes, oferecendo subsídios relevantes para futuras investigações sobre a realidade local.

Para a realização deste trabalho, foram mobilizadas fontes bibliográficas, iconográficas e documentais, recolhidas em arquivos públicos, através de pesquisas na Internet e por meio de registos fotográficos efetuados in loco. De modo a garantir uma maior densidade metodológica, recorreu-se também ao contributo de autores que se debruçam sobre as práticas metodológicas da História Oral, nomeadamente: Hampâté Ba (2013)[1]; Vansina (2010)[2]; Meihy (2005)[3]; Alberti (2004)[4], Montenegro (2007)[5]; Faria (2008)[6] Rovai (2013), e Santiago[7]; Costa[8]; e os clássicos Thompson[9] e Portelli[10].

Por outro lado, para garantir uma adequada fluidez teórica e uma compreensão abrangente do objeto de estudo, a pesquisa recorreu a trabalhos científicos e produções académicas que abordam o percurso histórico da Cidade de Quelimane sob diferentes perspetivas analíticas. Neste sentido, foram mobilizados estudos centrados nas dimensões historiográfica, social, económica, política, cultural e religiosa da cidade, permitindo compreender as transformações, continuidades e dinâmicas que se processaram ao longo do tempo e do espaço. A articulação destas abordagens revelou-se fundamental para a construção de um quadro interpretativo consistente, capaz de contextualizar os fenómenos investigados e de evidenciar as múltiplas relações que moldaram a evolução histórica e social de Quelimane, nomeadamente: Nhanengue (2026)[11], Da Costa Rosário & Soares (2017)[12]. Francisco; Mendiate et all (2026)[13]; Rodrigues (2008)[14] e as classicas: Lobato, (1995)[15]; Serra (1986)[16]; Newitt (1997)[17].

---

[1] HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. *A tradição oral*. São Paulo: Palas Athena, 2013.
[2] VANSINA, J. *A tradição oral e sua metodologia. In: História geral da África*, I: Metodologia e pré-história da África. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010, p. 139-166
[3] MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Ora*l. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
[4] ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
[5] MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral e Memória: a cultura popular revisitada. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
[6] FARIA, Sara Oliveira. *Memória e História: cultura, patrimônio e turismo*. Salvador: UNEB, 2008.
[7] ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *Aprendendo a ouvir: a história oral testemunhal contra a indiferença.* Revista História Oral, v. 16, n. 2, p. 129-148, 2013. Disponível em: Revista História Oral (revistahistoriaoral.org.br in Bing). Acesso em: 13 abr. 2026.
[8] COSTA, Cléria Botelho da. *A escuta do outro: os dilemas da interpretação.* Dossiê História Oral, 2014.
[9] THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
[10] PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente.* Revista Projeto História, São Paulo, n. 14, fev. 1997. Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro. Revisão técnica: D éa Ribeiro Fenelón. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233. Acesso em: 13 abr. 2026.
[11] NHANENGUE, Regina da Cruz Caminho. *Identidade e Memória: Uma análise histórico-cultural do povo chuabo em Quelimane*. Revista Digital Acadêmico Mundo, v. 20, n. 17, p. e97-e97, 2026.
[12] DA COSTA ROSÁRIO, Carmeliza Soares. *Donas da cidade: navegando Arquivo de factos e fantasia na memória das donas de Quelimane.* Museologia & Interdisciplinaridade, v. 6, n. 11, p. 54-66, 2017.
[13] FRANCISCO, João Baptista; Mendiate, Bruno Domingos et al. *história oral como meio de escuta conversacional e sensível com adolescentes vendedores ambulantes de bolinhos: o caso da Autarquia de Quelimane*, Província da Zambézia. Aurum Revista Multidisciplinar, v. 2, n. 9, p. e262377-e262377, 2026.
[14] LOBATO, Manuel. Relações comerciais entre a Índia e a costa Africana nos Séculos xvi e xvii. O papel do guzerate no comércio de Moçambique. Mare Liberum, v. 9, n. 1, p. 157–180, 1995.
[15] RODRIGUES, Eugenia. *Female Slavery, Domestic Economy And Social Status In The Zambezi Prazos During The 18 Century. Slavery and Society in the Rios de Sena Region. In: CLARA, SARMENTO (Org.). . Women in the Portuguese Colonial Empire: The Theatre of Shadows*. New Castle: Cambridge Scholars Publishing, 2008. p. 31–293.
[16] SERRA, Carlos. *Como a Penetração estrangeira transformou o modo de produção dos camponeses moçambicanos*. Volume II. Núcleo editorial da UEM, Maputo, 1986.
[17] NEWITT, Malyn. *História de Moçambique.* Publicações Europa-América, Portugal, 1997.

A realização desta pesquisa justifica-se tanto pela sua relevância social como pela sua pertinência académica. Do ponto de vista social, o estudo configura-se como uma verdadeira insurgência epistemológica, na medida em que procura valorizar e legitimar as vozes, experiências e perceções dos munícipes, reconhecendo-os como sujeitos ativos na produção do conhecimento sobre a sua própria realidade. Ao privilegiar narrativas e memórias locais, a pesquisa contribui para a democratização do saber e para a inclusão de perspetivas que, muitas vezes, permanecem marginalizadas nos discursos oficiais e nas produções científicas convencionais. No plano académico, esta investigação reveste-se de especial importância por constituir um contributo significativo para o enriquecimento da literatura existente sobre a temática em análise. Além de ampliar o acervo bibliográfico disponível, o estudo oferece novas reflexões teóricas e empíricas, capazes de subsidiar futuras investigações e fomentar o debate científico em torno das questões abordadas. Assim, a pesquisa articula o compromisso social de dar visibilidade às vozes locais com a necessidade académica de produzir conhecimento rigoroso e relevante, reforçando a sua importância tanto para a comunidade estudada como para o campo científico.

O recorte cronológico compreendido entre 2024 e 2025 foi definido em função do carácter comemorativo associado à efeméride da elevação de Quelimane à categoria de cidade. A escolha deste período justifica-se por corresponder ao contexto das celebrações alusivas a este marco histórico, constituindo uma oportunidade privilegiada para a recolha de informações, testemunhos e perceções sobre o percurso histórico e o significado sociocultural da cidade. Assim, a investigação foi desenvolvida no âmbito destas festividades, procurando analisar *Como os munícipes da Cidade de Quelimane constroem e narram as suas memórias sobre as dinâmicas sociais da cidade no período de 2024 a 2025, a partir da perspetiva da História Oral?*

A pesquisa objetivou de forma geral: Compreender os enredos e as memórias dos munícipes sobre as dinâmicas sociais da Cidade de Quelimane no período de 2024 a 2025, recorrendo à metodologia da História Oral como instrumento de recolha e interpretação das narrativas. Especificamente objetivou: Identificar as principais dinâmicas sociais vivenciadas e percecionadas pelos munícipes da Cidade de Quelimane durante o período de 2024 a 2025; descrever as memórias e narrativas construídas pelos munícipes acerca das transformações sociais, culturais, políticas e económicas observadas na cidade; e Interpretar o papel da História Oral na valorização das experiências, memórias e identidades dos munícipes enquanto sujeitos produtores de conhecimento histórico.

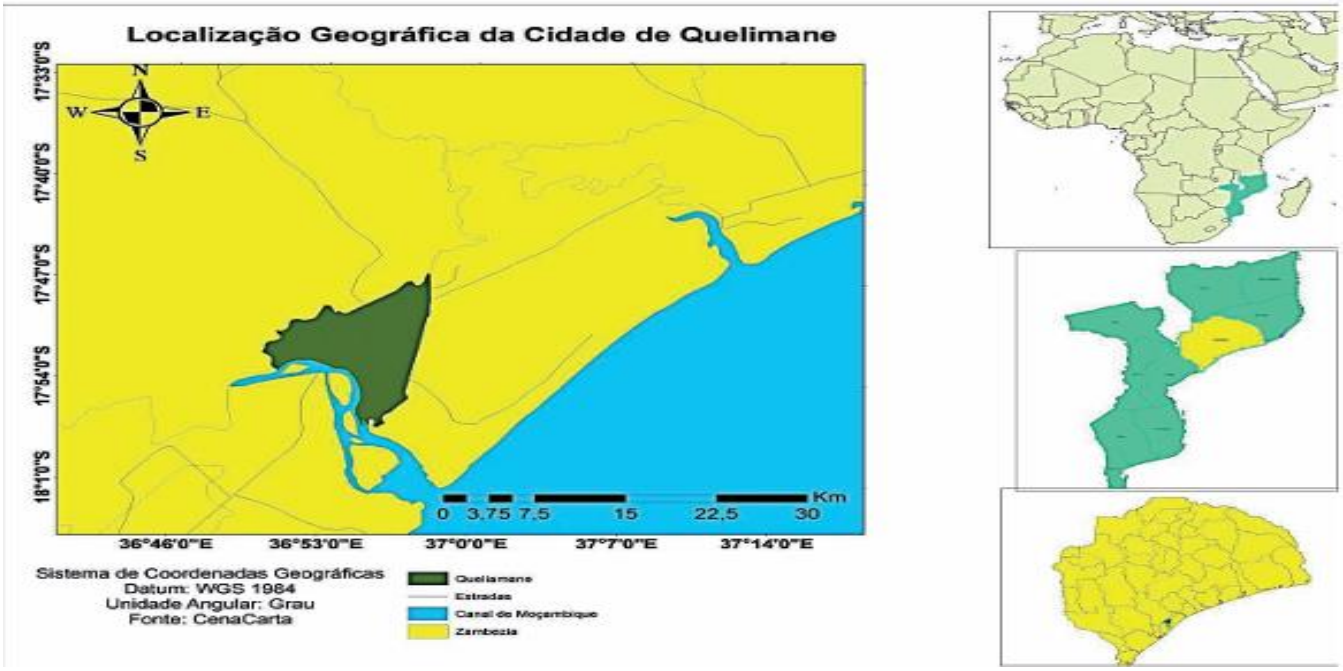
2 CONTEXTO GEOGRÁFICO E HISTORIOGRÁFICO DA CIDADE DE QUELIMANE

2.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

A cidade de Quelimane, sede do distrito homónimo, constitui a capital e a maior urbe da Província da Zambézia. Localizada na região da Baixa Zambézia, no sudeste da província, situa-se entre os paralelos

17°47' e 17°57' de latitude Sul e os meridianos 36°50' e 36°57' de longitude Este, a aproximadamente 1.600 km a norte da cidade de Maputo. Geograficamente, encontra-se na margem norte do rio dos Bons Sinais, a cerca de 20 km da costa do Oceano Índico, apresentando uma altitude que não ultrapassa os 100 metros acima do nível médio do mar (Relatório de Diagnóstico dos Municípios, 2020).

Figura 1: Localização geográfica da Cidade de Quelimane.



Fonte: Libelela & Sitoe (2025)

Segundo o Concelho Autárquico da Cidade de Quelimane (2022), a cidade de Quelimane apresenta um tipo de relevo de planícies costeiras, compostas de sedimentos quaternários recém-depositados no solo. Os solos consistem em depósitos marinhos e aluviais com teor muito alto de argila na ordem de 60-80 por cento. Tais áreas têm grandes problemas de salinidade, fraca drenagem, solos muito pesados e ricos em matéria orgânica (embora altamente férteis) e dificuldades de acesso durante a época chuvosa.

Administrativamente, a cidade de Quelimane encontra-se organizada em cinco postos administrativos urbanos, os quais constituem as principais unidades de gestão territorial do município. Estes postos administrativos subdividem-se em 52 bairros, formando uma estrutura político-administrativa que visa facilitar a governação local, a prestação de serviços públicos e o ordenamento do espaço urbano. Esta divisão territorial reflete não apenas a organização administrativa da cidade, mas também a sua dinâmica demográfica, social e económica, conforme pode ser observado na tabela e na ilustração correspondentes (PEU, 2015).

O crescimento urbano registado nas últimas décadas, associado ao aumento populacional e à expansão das áreas residenciais, exigiu a redefinição de alguns limites administrativos da cidade. Neste

contexto, entre os anos de 2012 e 2015, diversos bairros foram alvo de processos de redimensionamento territorial, destacando-se os bairros de Saguar, Coalane, Micajune, Santágua, Floresta e Aeroporto. Para além da alteração dos seus limites geográficos, algumas destas unidades administrativas passaram igualmente por processos de renomeação, com o objetivo de adequar a organização territorial às novas realidades urbanas emergentes (CAQ, 2019).

Tabela 1: Divisão Administrativa da Cidade de Quelimane.

Postos Administrativos	Nomes dos Bairros
Posto Administrativo Urbano 1	1° de Maio, 24 de Julho, Aeroporto, Chirangano, Filipe Samuel Magaia, Kansa, Liberdade, Mapiazua, Piloto, Vila Pita Popular, Saguar A, Saguar B, Sinacura, Torrone Velho.
Posto Administrativo Urbano 2	7 de Abril, Coalane II A, Coalane II B, Icídua, Ivagalane, Janeiro, Mirazane, Murropué, Sangariveira, Torrone Novo.
Posto Administrativo Urbano 3	1° de Maio A, 1° de Maio B, 25 de Setembro, 3 de Fevereiro, Acordos de Lusaka A, Acordos de Lusaka B, Coalane I, Cololo, Sampene, Samugue.
Posto Administrativo Urbano 4	17 de Setembro, Bairro Novo, Brandão, Chuabo Dembe, Floresta A, Floresta B, Inhangome, Manhaua A, Manhaua B, Micajune A, Micajune B, Santagua A, Santagua B.
Posto Administrativo Urbano 5	Bazar, Gogone, Mborio, Megano, Namuinho.

Fonte: PEU (2015).

2.2 BREVE HISTORIAL SOBRE A CIDADE DE QUELIMANE

Uma das versões mais difundidas associa o topónimo à expressão Kuliamani, que significa "estamos a cultivar", resultado de um alegado desencontro linguístico entre os habitantes locais e o navegador português Vasco da Gama. O mesmo autor refere uma segunda hipótese que relaciona a origem do nome às palavras inglesas Killing Man ("matar homens"), numa alusão às numerosas mortes provocadas pela malária entre os tripulantes europeus que frequentavam a região. Além disso, Almeida (1973, p. 37-39) menciona uma terceira interpretação, segundo a qual o termo derivaria do Kiswahili, língua historicamente predominante na costa oriental africana. Nesta perspetiva, Kilimani significaria "lugar situado sobre uma colina", sendo que kilima corresponde a "monte" ou "colina", enquanto ni significa "é" ou "são". (Almeida, 1973)

Ao abordar a presença portuguesa na região, Fernandes (1968:181) destaca o papel desempenhado por Vasco da Gama durante a sua passagem pela costa moçambicana. Nas palavras do autor, Vasco da Gama "baptizou o Rio pelo significativo nome de Bons Sinais, presságio acertado pelas notícias que ali esperava colher, como aconteceu para a descoberta do Caminho Marítimo para a Índia e das sendas do futuro, que agora são prósperas, nas terras do Distrito da Zambézia". Esta designação refletia a importância estratégica e simbólica do rio para a expansão marítima portuguesa e para o desenvolvimento posterior da região, cuja capital viria a ser Quelimane.

De acordo com Loureiro (2001:13), antes da presença estrangeira portuguesa na viagem de Vasco da Gama à Índia datada de 1498, Quelimane era uma zona pantanosa com pouco mais de 300 casas cobertas de palha, com paredes de caniço e lacalaca, os moradores que ali viviam praticavam a agricultura e pesca. Em 1530 com a ocupação de Portugal foi elevada a categoria de Vila em 1761 e a sede do conselho em 1763 e em 1942 foi elevada a categoria de Cidade.

Nos seus primórdios como Vila, desde 1761 a 1942, Quelimane pouco mais era do que um pequeno conjunto de casas onde avultavam os edifícios oficiais, as casas senhoriais dos capitães-mores, dos donos dos Prazos e as sedes dos grandes majestáticos. Toda voltada para o rio dos Bons-Sinais, a sua marginal, que funcionava como porto, era o centro da vida social."

Newitt (1997), ao descrever a Cidade de Quelimane tomando como marco cronológico, os finais do século XVIII e princípios século XIX refere-a como:

> Um centro comercial para onde convergiram pessoas de diferentes partes do mundo, um lugar de memória histórica, uma paisagem urbana histórica onde as civilizações asiáticas, árabes e europeias atracaram os seus navios, um importante porto de rotas de especiarias marítimas portuguesas para Índia, um centro do comércio de escravos, ouro, marfim, especiarias, tecidos e objectos de adorno que trafegavam pelo rio dos bons sinais vulgo Quá-quá e da linha férrea inaugurada em 1901 embora de carácter regional que liga Quelimane a Mocuba. (Newitt, 1997)

Constatemos que a sua situação geoestratégica, a meio da linha da costa de Moçambique, garante-lhe desde cedo um lugar de destaque nos laços comerciais e sociais, o porto de Quelimane foi um dos mais importantes portos do Canal Moçambicano.

Segundo o CAQ (2016), em 1544 Quelimane constituía um importante entreposto comercial e cultural, onde se estabeleciam intensas trocas entre as populações locais e os estrangeiros. A prosperidade da região decorria, em grande medida, da fertilidade dos seus solos, propícios ao cultivo do arroz e do coco, fatores que contribuíram para a concentração de riqueza. Paralelamente, a cidade consolidou-se como um importante centro cultural, sendo amplamente conhecida como a "terra do carnaval" devido à relevância das suas celebrações festivas.

De acordo com Nhanengue (2026), está ainda por esclarecer a origem do topónimo Quelimane. Entre as teorias que pretendiam explicar essa origem retivemos as de Dias Rafael e de Arrone Fijamo, escreveu o primeiro nos anos 50, segundo a qual:

> Dos nativos originários do monte Limane "Ile", alguns pertencem ao próprio clã Limane ou alimane. Assim é, ao próprio, natural que os intérpretes que acompanhavam Vasco da Gama, conhecedores do significado do prefixo (interrogativo) <<qui>>, ao ouvir vem os Achuabo designarem-se por <<Limane>> os tratassem por <<Quilimane>>, fazendo referência a língua por eles falada. Por outro lado, segundo Arrone Fijamo, interrogados sobre quem eram pelos homens da armada português Vasco da Gama no rio Qúa-Qúa (Quelimane e na onomástica portuguesa mais oficial, Rio dos bons sinais) os Achuabo responderam Nalimane (somos do litoral) não sendo depois muito difícil passar de Nalimale para Quelimane. (Nhanengue, 2026:7)

O topónimo Quelimane encontra-se associado a diversas interpretações históricas e linguísticas. Apesar das diferentes versões existentes, a maioria delas converge para o período da chegada de Vasco da Gama à costa oriental africana, em finais do século XV. Segundo essas narrativas, durante os primeiros contactos com as populações locais, os navegadores portugueses procuraram identificar os habitantes da região, questionando-os sobre a sua origem ou identidade. Em resposta, os nativos utilizaram expressões como Limane ou Nikalimane, cujos significados variam de acordo com as interpretações dos diversos autores. A partir dessas designações e da perceção dos portugueses, o nome teria sofrido adaptações fonéticas e linguísticas, dando origem ao topónimo Quelimane. (Nhanengue, 2026:8),

Esta descrição evidencia não apenas a presença e identidade das populações autóctones da região, mas também a perceção que os navegadores portugueses construíram sobre Quelimane nos primórdios do contacto entre africanos e europeus, reforçando a importância histórica da cidade no contexto das rotas marítimas do Oceano Índico.

As descrições históricas sobre Quelimane permitem compreender alguns dos traços que caracterizavam a cidade durante o período colonial. Um exemplo disso encontra-se no depoimento de António Pinto Miranda, reproduzido por Malyn Newitt, no qual é apresentada uma imagem de Quelimane em 1766. Segundo o relato, a povoação era composta maioritariamente por habitações construídas em madeira e barro, com cobertura de colmo. A paisagem urbana era marcada pela presença de extensos baldios e áreas de mato, contrastando com a abundância de palmeiras e pomares de laranjeiras, limoeiros, mangueiras e outras espécies arbóreas. Apesar da existência dessas riquezas naturais, o observador destaca o estado de degradação de muitas construções, sugerindo que a vegetação contribuía para atenuar a visão das numerosas casas em ruínas (Newitt, 1993:133).

Esta descrição revela uma cidade onde os elementos naturais assumiam um papel de destaque na configuração da paisagem local, coexistindo com sinais evidentes de fragilidade da infraestrutura urbana. Simultaneamente, evidencia a importância da agricultura e dos recursos naturais para a vida económica e social de Quelimane durante o século XVIII.

2.3 PRINCIPAIS LOCAIS DE INTERESSE HISTÓRICO E SUAS DINÂMICAS

2.3.1 Câmara municipal, actual conselho autárquico de quelimane

De acordo com Formosinho (1949), o edifício da Câmara Municipal de Quelimane, atualmente designado por Conselho Municipal de Quelimane, foi construído em 1857 e, posteriormente, objeto de remodelação em 1891. A sua edificação surgiu como resposta às crescentes necessidades administrativas da cidade, num contexto em que existiam poucos edifícios destinados ao funcionamento dos serviços governamentais.

Com o desenvolvimento urbano e o aumento da importância político-administrativa de Quelimane, tornou-se necessária a ampliação das infraestruturas públicas. Neste contexto, ao longo das primeiras décadas do século XX, foram erguidos novos edifícios administrativos, destacando-se o período compreendido entre 1912 e 1929, durante o qual foi construída uma nova Câmara Municipal, acompanhada por outras edificações inspiradas em modelos arquitetónicos europeus. Segundo Silva (2013), estas construções refletiam a influência urbanística e estética da administração colonial portuguesa, conferindo à cidade uma configuração que procurava reproduzir as características das cidades europeias da época.

Para além da sua relevância histórica, o edifício da Câmara Municipal constitui atualmente um importante património arquitetónico da cidade de Quelimane. Desde a sua conceção, a infraestrutura tem mantido a sua função administrativa, adaptando-se às exigências decorrentes do crescimento urbano e do aumento das necessidades dos munícipes. Apesar das transformações ocorridas ao longo dos anos, o edifício preserva grande parte das suas características arquitetónicas originais, nomeadamente os seus terraços, fachadas e elementos decorativos, que testemunham diferentes períodos da história urbana e administrativa da cidade.

Assim, a permanência deste edifício ao longo do tempo não apenas simboliza a continuidade das funções governativas locais, como também representa um marco da memória histórica e do património cultural de Quelimane, evidenciando as transformações políticas, administrativas e urbanísticas que marcaram a evolução da cidade.

Figuras 2, 3 e 4: Dinâmicas arquitectónicas do edifício do actual conselho autárquico de Quelimane (1857, 1929, a 2024,)





Fonte: Formosinho (1949) e Capturada pelos autores (2024)

O edifício continua a desempenhar a função para a qual foi originalmente concebido, servindo como sede da administração municipal e respondendo às exigências decorrentes do crescimento urbano e do aumento das necessidades dos munícipes. Ao longo do tempo, a infraestrutura tem preservado grande parte das suas características arquitetónicas originais, destacando-se os terraços, as fachadas e outros elementos que testemunham a sua relevância histórica e patrimonial.

Para além da sua função administrativa, o edifício assume uma posição central na vida sociopolítica e económica da cidade de Quelimane. É neste espaço que se concentram os processos de tomada de decisão relacionados com a gestão municipal, o planeamento urbano e a definição de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento da cidade. Do mesmo modo, constitui um local privilegiado de convergência e interacção entre diferentes atores políticos, institucionais e sociais, funcionando como um importante centro de coordenação das acções que influenciam a dinâmica económica, social e administrativa do município. Neste sentido, o edifício não representa apenas um marco arquitectónico da cidade, mas também um símbolo do poder local e da governação municipal, desempenhando um papel fundamental na construção e implementação das estratégias de desenvolvimento de Quelimane.

2.3.2 Edifício dos correios de Moçambique

O edifício dos Correios de Quelimane constitui uma das mais importantes referências do património arquitetónico e institucional da cidade. Segundo Formosinho (1949), a sua construção decorreu entre 1912 e 1937, integrando o conjunto de infraestruturas públicas erguidas durante o período colonial para responder às crescentes necessidades administrativas e de comunicação da então vila de Quelimane. Caracterizado por uma planta retangular e por uma arquitetura de influência europeia, o edifício foi concebido para albergar os serviços postais e telegráficos, desempenhando um papel fundamental na circulação de

informações, correspondências e documentos oficiais entre Quelimane, outras regiões de Moçambique e o exterior.

Naquele contexto, os serviços de correios e telégrafos constituíam instrumentos estratégicos para a administração colonial, permitindo uma comunicação mais eficiente entre os diferentes centros administrativos e comerciais. O desenvolvimento das redes postais e telegráficas foi um dos elementos centrais do processo de modernização urbana verificado em várias cidades africanas sob domínio português, contribuindo para a integração territorial e para o fortalecimento dos mecanismos de governação e controlo administrativo (Formosinho, 1949).

Pode-se notar que a relevância do edifício ultrapassava, contudo, a sua dimensão funcional. Enquanto infraestrutura pública, os Correios representavam um ponto de contacto entre a população local e as instituições do Estado, facilitando a troca de correspondência pessoal, comercial e governamental. Neste sentido, o edifício assumiu um papel significativo no quotidiano dos habitantes de Quelimane, tornando-se um símbolo da evolução das comunicações e da modernização dos serviços urbanos.

De acordo com o inventário do património de influência portuguesa, os edifícios públicos construídos em Quelimane durante o século XX refletiam as estratégias de ordenamento urbano e de afirmação da presença colonial portuguesa na cidade, integrando um conjunto arquitetónico que incluía estruturas administrativas, comerciais e de comunicação. O edifício dos Correios insere-se neste contexto histórico e urbanístico, constituindo actualmente um testemunho material das transformações que marcaram a evolução urbana de Quelimane ao longo do período colonial.

Figura 5, 6 e 7: Dinâmica arquitectónica do edifício dos correios de Moçambique (1937-2024).



Fonte: Formosinho (1999), e capturada pelos autores (2024).

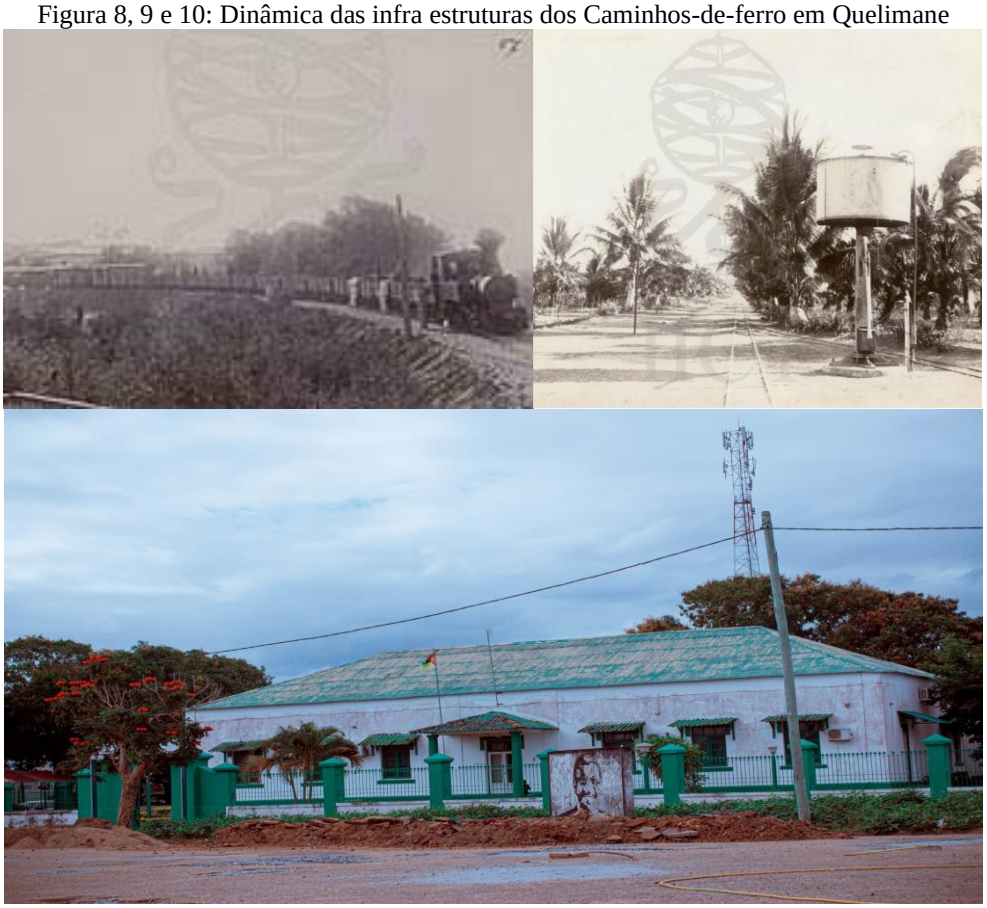
O edifício dos Correios insere-se neste contexto histórico e urbanístico, constituindo actualmente um testemunho material das transformações que marcaram a evolução urbana de Quelimane ao longo do período colonial.

2.3.3 Caminhos de Ferro de Moçambique

Os serviços ferroviários na cidade de Quelimane datam dos anos 1905, altura em que foi construída a linha férrea Quelimane-Mocuba. O edifício dos Caminhos de Ferro de Quelimane foi construído em 1960 (Fernanda 1968).

Na província da Zambézia, projectou-se uma linha desde o porto de Quelimane ao protetorado inglês da Niassalândia. Pensou-se em seguir o método empregado na Beira e confiar a uma companhia majestática (da Zambézia) a gestão do território e a concessão de ferrovias (feita neste caso à Companhia dos Caminhos de Ferro da Zambézia). O projeto ia igualmente ao encontro dos interesses dos colonos da Niassalândia e dos acionistas da companhia ferroviária local, a Shire Highlands Railway Company, carentes de uma ligação eficaz até ao mar e que por diversas vezes manifestaram ao seu governo a necessidade daquele canal férreo. Contudo, esta convergência de interesses não foi suficiente para quebrar a fronteira, muito por influência de fatores tecnopolíticos, designadamente o facto de a Companhia de Moçambique desejar também a ligação à Niassalândia – que realmente obteve, já bem entrados no século XX (Marçal 2016: 342-347).

Figura 8, 9 e 10: Dinâmica das infra estruturas dos Caminhos-de-ferro em Quelimane



Fonte: Fernanda, Maria (1968), e capturada pelos autores (2024).

2.3.4 Mercado Central de Quelimane

O Mercado Central de Quelimane constitui uma das infraestruturas comerciais mais emblemáticas da cidade, desempenhando um papel relevante na dinâmica económica e social local ao longo de diferentes períodos históricos. o mercado foi construído em 1891, numa época em que Quelimane se consolidava como um importante centro comercial da região da Zambézia. Antes da sua edificação, as atividades de compra e venda eram realizadas num terreno baldio, utilizado como espaço de intercâmbio entre as populações locais e os comerciantes portugueses, onde circulavam diversos produtos provenientes da metrópole. (Silva, 2013).

Para o CAQ (2019), a construção do mercado representou um marco importante no processo de organização do comércio urbano da cidade, proporcionando um espaço mais estruturado para as transações comerciais e contribuindo para o fortalecimento das relações económicas entre produtores, comerciantes e consumidores. Durante o período colonial, o mercado desempenhou funções estratégicas na distribuição de bens de consumo e no abastecimento da população, assumindo-se como um dos principais pontos de encontro entre diferentes grupos sociais e culturais.

Após a independência de Moçambique, em 1975, o Mercado Central de Quelimane adquiriu uma importância ainda maior no contexto urbano e económico da cidade. De acordo com Silva (2013), a infraestrutura passou a constituir um mercado de referência para os munícipes, concentrando um vasto conjunto de atividades comerciais formais e informais. Neste espaço são comercializados produtos agrícolas, pescado, vestuário, utensílios domésticos e outros bens essenciais ao quotidiano da população, facto que reforça o seu papel como um dos principais centros de abastecimento da cidade.

Para além da sua função económica, o Mercado Central possui uma significativa dimensão social e cultural, uma vez que representa um espaço privilegiado de convivência, interação e construção de sociabilidades. É neste local que convergem diariamente vendedores, compradores e visitantes provenientes de diferentes bairros da cidade e de áreas circunvizinhas, transformando-o num importante ponto de encontro e de circulação de saberes, práticas culturais e experiências sociais. Assim, o Mercado Central de Quelimane não constitui apenas uma infraestrutura comercial, mas também um espaço de memória coletiva e de identidade urbana, refletindo as transformações históricas, económicas e sociais que marcaram a evolução da cidade ao longo do tempo (Silva, 2013).

Figura 11, 12, 13: Dinâmicas do Mercado Central de Quelimane.



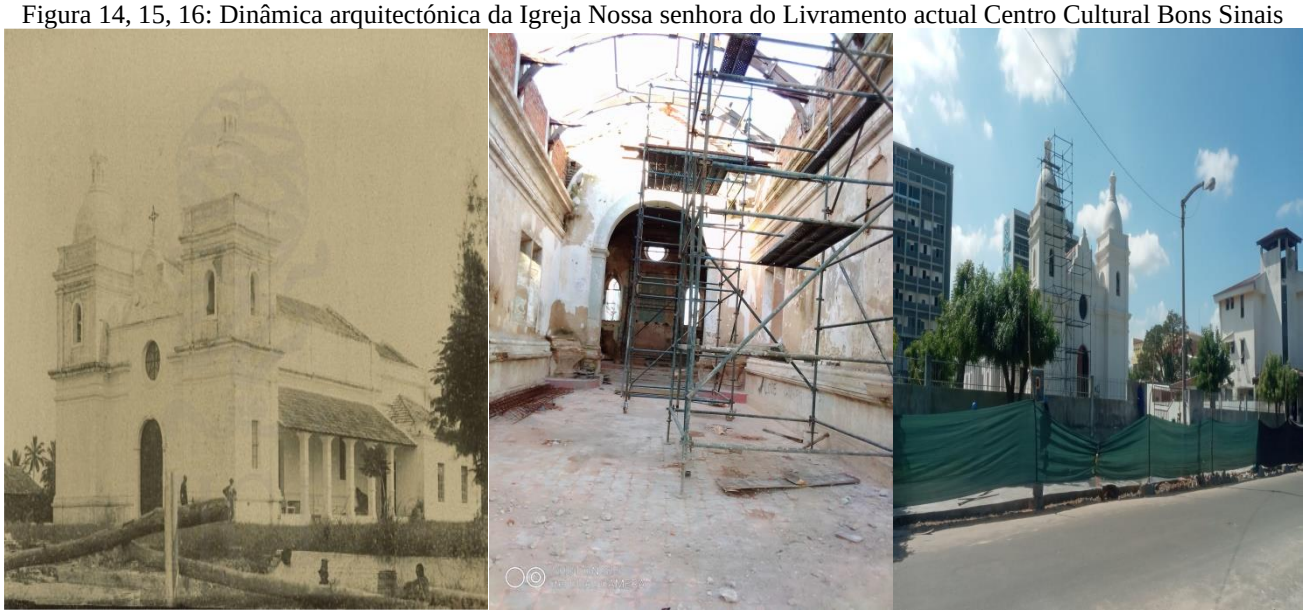
Fonte: Fernanda, Maria (1968), e capturada pelos autores (2024).

2.3.5 Igreja Nossa Senhora do Livramento (Catedral Velha)

A Igreja de Nossa Senhora do Livramento, edificada a mando do governador e capitão-general Baltazar Pereira de Lago (? -1779), em 1976, é um ponto de referência no panorama arquitetónico de Quelimane até finais do séc. XIX. Com o estatuto do mais importante testemunho edificado da presença portuguesa no Vale do Zambeze, retoma o código maneirista, manifestando as reminiscências indo-portuguesas, omnipresentes nas poucas expressões arquitetónicas setecentistas. (Loureiro, 2001)

De acordo com Abreu (2015), nos seus primórdios como Vila, desde 1761 a 1942, Quelimane pouco mais era do que um pequeno conjunto de casas onde avultavam os edifícios oficiais, as casas senhoriais dos capitães-mores e dos donos dos Prazos e as sedes dos grandes majestáticos. Toda voltada para o rio dos Bons-Sinais, a sua marginal, que funcionava como porto, era o centro da vida social. A Igreja de Nossa Senhora do Livramento (1776), passou a Sé Catedral em 1954, com a criação da Diocese de Quelimane.

Figura 14, 15, 16: Dinâmica arquitectónica da Igreja Nossa senhora do Livramento actual Centro Cultural Bons Sinais

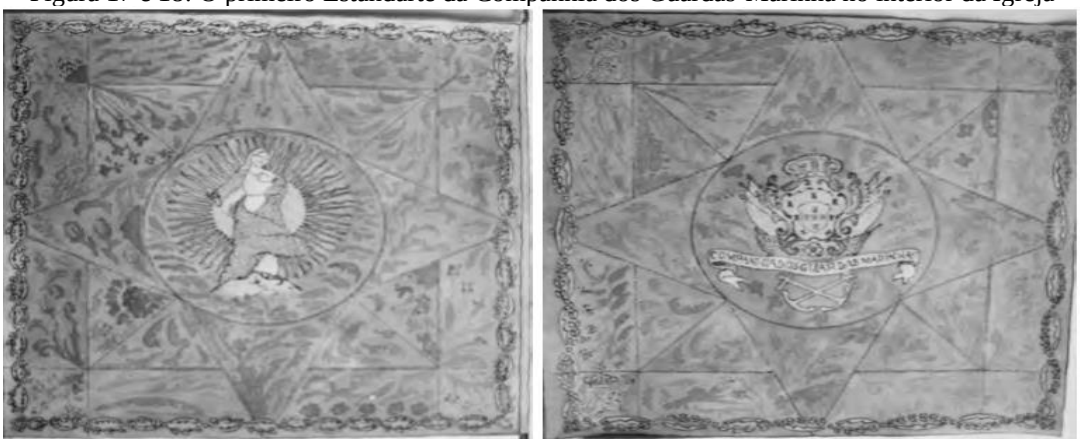


Fonte: Abreu, 2015 & Capturada pelos autores (2019-2024).

Em 1872, o comandante do Transporte a Vapor Quelimane, Segundo-Tenente Augusto de Castilho, localizou o estandarte desaparecido entre as alfaias da Igreja de Nossa Senhora do Livramento, na Vila de Quelimane, em Moçambique, providenciando o seu resgate e retorno a Portugal. De acordo com informações locais, a peça encontrava-se em Quelimane desde 1834, embora se desconheça a forma como ali chegou.

Em 23 de Novembro de 1872, o Segundo-Tenente Augusto de Castilho enviou para Lisboa o estandarte recuperado em Quelimane, acompanhando-o de uma carta dirigida ao comandante da Companhia de Guardas-Marinhas, o Conselheiro António Sebastião de Castro Guedes. Na correspondência, Castilho informava que havia encontrado a antiga bandeira da Companhia entre as alfaias da Igreja de Nossa Senhora do Livramento, em Quelimane, e manifestava a sua satisfação por ter contribuído para a recuperação de um objeto que considerava uma valiosa relíquia histórica. Demonstrando o elevado valor simbólico que atribuía ao estandarte, expressou ainda o desejo de que este nunca mais voltasse a perder-se, referindo-se à sua restituição como motivo de júbilo para a Companhia dos Guardas-Marinhas. (Abreu, 2015)

Figura 17 e 18: O primeiro Estandarte da Companhia dos Guardas-Marinha no interior da Igreja



Fonte: Abreu, 2015.

A antiga Igreja de Nossa Senhora do Livramento, em Quelimane, construída no século XVIII, desempenhou durante muitos anos um papel central na vida religiosa da cidade. Com a criação da Diocese de Quelimane, em 1954, o edifício passou a funcionar como Sé Catedral. Contudo, após a construção da nova catedral da cidade, concluída na década de 1970, a antiga igreja perdeu essa função e entrou num período de degradação. Após um extenso processo de restauro realizado entre 2017 e 2022, o edifício foi recuperado e transformado no Centro Cultural Bons Sinais, espaço dedicado à promoção da cultura, das artes, da cidadania e da reconciliação social, preservando simultaneamente o seu elevado valor histórico e patrimonia

2.3.6 Sê Catedral de Quelimane

O anteprojecto da Catedral de Quelimane, destinado a substituir a antiga Sé Catedral foi realizado pelo arquiteto Megre Pires, mas o projeto edificado realizado no final dos anos 60, não corresponde ao que foi desenvolvido, sendo ainda desconhecida a sua autoria (Fernandes, 1964).

De acordo com Valler (2002), o anteprojeto de Megre Pires, arquiteto português a residir e a trabalhar em Moçambique e por isso cumprindo uma das premissas do concurso público de arquitectura promovido pela Diocese de Quelimane, e pela Direcção dos Serviços de Obras Públicas e Transportes de Lourenço Marques em 1959, desenvolve-se de acordo com a implantação da catedral no centro do lote definido pelo campo de futebol do Sporting Clube de Quelimane, e pelas ruas Paulo Samuel Kankhomba e Filipe Samuel Magaia, e a Avenida 7 de Setembro.

A planta é cruciforme, a entrada é realizada pela Avenida 7 de Setembro, e a nave principal, desenvolvida paralelamente às ruas Filipe Samuel Magaia e Paulo Samuel Kankhomba, é orientada para Nordeste-Sudoeste. O projecto de Megre Pires constituía uma volumetria de “quatro prismas triangulares inclinados convergindo para um ponto acima do centro da cruz” (SILVA, 2013).

Figura 19, e 20: Dinamicas arquitectónicas da Se Catedral de Quelimane (1960 - 2024)



Fonte: Fernanda, Maria (1968), e capturada pelos autores (2024).

2.3.7 Missão Santos Anjos de Coalane

Fica a três quilómetros da capital provincial Quelimane no bairro Coalane. Este bairro passou a ser mais conhecido após a chegada dos missionários jesuítas em 5 de Maio de 1890. Logo após a chegada dos jesuítas, construíram uma modesta residência para se defenderem dos mosquitos, edificaram uma escola primária, um internato para rapazes, e uma escola de artes e ofícios (Valler, 2002).

A fundação da Missão de Santo Anjo de Coalane, em 1908, marcou um importante momento da expansão missionária católica na região de Quelimane. Os missionários jesuítas viam a evangelização como um instrumento fundamental para a transformação dos modos de vida das populações locais, procurando promover a difusão dos valores cristãos por meio de diversas estratégias de catequização. Entre essas estratégias, a música e o canto ocupavam um lugar privilegiado, sendo utilizados como mecanismos de aproximação entre os missionários e as comunidades africanas. (Souza, 2019)

Os registos produzidos pela missão evidenciam as expectativas depositadas nesse processo evangelizador. Conforme relatam as Cartas Edificantes da Província de Portugal da Companhia de Jesus, "cantar-se-hão cânticos, far-se-há doutrina e os pretos ir-se-hão acostumando ao trato com os missionários e com a vida cristã". Esta perspetiva revela a forma como os missionários concebiam o canto e a instrução religiosa enquanto instrumentos pedagógicos destinados a facilitar a integração dos africanos no universo cristão e a fortalecer a permanência destes no espaço missionário. (Cartas Edificantes da Província de Portugal S.J., 1909, P. 35)

Neste contexto, os padres e irmãos coadjutores recorriam às práticas musicais não apenas como expressão de fé, mas também como estratégia de doutrinação religiosa e de socialização cultural. Através dos cânticos, das orações e das atividades catequéticas, procurava-se criar vínculos entre os convertidos e a missão, incentivando a assimilação dos princípios cristãos e a participação regular nas atividades religiosas. Deste modo, a Missão de Santo Anjo de Coalane desempenhou um papel relevante na difusão

do cristianismo na região, constituindo igualmente um espaço de contacto, negociação e transformação cultural entre os missionários europeus e as populações locais.

Figura 21e 22: Dinâmica arquitectónica da Missão Santos Anjos de COALANE



Fonte: Valler (2002) e Capturada pelos autores (2024).

2.3.8 Dinâmicas Culturais

A cidade de Quelimane adquiriu, ao longo da sua história, a designação de "Pequeno Brasil", expressão associada à forte tradição carnavalesca que caracteriza a sua identidade cultural. Esta denominação resulta da relevância que as festividades carnavalescas assumiram no quotidiano da cidade, destacando-se os bailes de máscaras, os desfiles de grupos foliões, os cortejos carnavalescos e o tradicional enterro do carnaval. Durante vários dias, as ruas e praças da cidade transformam-se em espaços de celebração coletiva, marcados pela música, pela dança e por diversas manifestações culturais que mobilizam a participação de diferentes grupos sociais. (CAQ, 2019).

Segundo Reis (1998) e Ferrão (2020), as origens desta tradição remontam ao período do tráfico de escravos e das intensas relações estabelecidas entre a costa moçambicana e o Brasil, particularmente com a região da Bahia. A presença de comerciantes, escravos libertos e outros grupos oriundos do Brasil contribuiu para a introdução e difusão de elementos culturais brasileiros em Quelimane, os quais se foram integrando às práticas culturais das populações locais. O resultado desse processo foi a emergência de manifestações híbridas, nas quais elementos africanos e brasileiros se combinaram, dando origem a formas específicas de celebração carnavalesca.

Neste contexto, o carnaval de Quelimane constitui uma importante expressão do património cultural da cidade, refletindo os processos históricos de contacto, intercâmbio e mestiçagem cultural que marcaram a região ao longo dos séculos. Mais do que uma simples festividade, o carnaval representa um espaço de afirmação identitária, de sociabilidade e de preservação da memória coletiva, sendo reconhecido como um dos principais símbolos culturais da cidade. A sua continuidade ao longo do tempo demonstra a capacidade das comunidades locais de reinventarem tradições e de manterem vivas práticas culturais que testemunham a diversidade histórica e cultural de Quelimane (Reis, 1998; Ferrão, 2020).

Deste modo, a designação de "Pequeno Brasil" não se limita a uma referência festiva, mas expressa também a profundidade das relações históricas e culturais estabelecidas entre Quelimane e o universo afro-brasileiro, cuja influência continua visível nas práticas culturais, na música, na dança e nas festividades populares da cidade que também é acompanhado pelo artesanato.

Figura 23 e 24: Dinâmicas do carnaval na cidade de Quelimane



Fonte: Capturada pelos autores & Reis (1998).

A história do Carnaval de Quelimane e as suas transformações nunca foram devidamente narradas e, menos ainda, objeto de estudos aprofundados. Apesar disso, os habitantes da Zambézia demonstram grande orgulho pela sua festividade, afirmando tratar-se do maior e melhor carnaval de Moçambique e, inclusive, de toda a África. Considerando que o orgulho e a dignidade constituem elementos fundamentais para qualquer processo de mobilização política, esta perceção de superioridade parece refletir um discurso que enaltece o passado histórico, político e económico da província. Neste contexto, surgem várias questões relativamente às implicações políticas do Carnaval de Quelimane enquanto fenómeno social e cultural. Em que medida esta manifestação contribui para a manutenção do poder por parte daqueles que o exercem na cidade? Qual é a sua influência nos processos eleitorais? Será que o carnaval é utilizado ou instrumentalizado para fins políticos? De que forma os diferentes grupos sociais se apropriam desta celebração? O que representa para os seus participantes e quais os seus impactos na vida coletiva da cidade?. Revuelta (2016:13).

Tendo em conta a narrativa da Zambézia enquanto "província rebelde", importa igualmente questionar se a continuidade da realização do maior carnaval do país, apesar das dificuldades económicas, não constitui também uma forma de resistência simbólica e de afirmação identitária. Todas estas questões conduzem a uma problemática central: em que medida o Carnaval de Quelimane contribui para a consolidação de uma consciência identitária? Ou, por outras palavras, até que ponto esta manifestação

cultural participa na (re) construção de um sentimento de pertença que, embora vivido inicialmente à escala urbana, é também sentido e projetado ao nível regional?

A história do Carnaval de Quelimane permanece pouco estudada, embora a festividade constitua um importante elemento de orgulho coletivo para os habitantes da Zambézia. Para além da sua dimensão cultural, o carnaval suscita reflexões sobre identidade, poder, pertença e mobilização política, sendo frequentemente associado à construção de uma consciência identitária regional (Ferrão, 2020).

2.3.9 Dinâmicas do meio de transporte

Uma observação simples da dinâmica urbana de Quelimane, capital da província da Zambézia, permite constatar que a bicicleta constitui o principal meio de transporte utilizado para a mobilidade de pessoas e o transporte de pequenas mercadorias. Embora também seja utilizada como meio de transporte particular, a sua presença é mais evidente na prestação de serviços de transporte público, localmente conhecidos como táxi-bicicleta. Este modo de transporte está igualmente presente em outras regiões da província, nomeadamente nos distritos vizinhos de Nicoadala, Namacurra e Mocuba. Contudo, nestes locais, a sua utilização ocorre numa escala significativamente inferior à observada na cidade de Quelimane (Comissário, 2020).

A cidade de Quelimane é amplamente reconhecida como a "cidade das bicicletas", uma vez que este constitui o principal meio de transporte utilizado pela população, assegurando a mobilidade tanto nas zonas urbanas como periurbanas. Para além da bicicleta, têm surgido outros meios de transporte alternativos, destacando-se o txopela, que também desempenha um papel importante na deslocação dos cidadãos nessas áreas. Contudo, devido à insuficiência de transporte público formal, muitos munícipes recorrem a viaturas de caixa aberta, popularmente conhecidas por chapa-cem, para satisfazer as suas necessidades de mobilidade urbana e interdistrital.

> O desenvolvimento da cidade de Quelimane foi marcado por duas características fundamentais que correspondem a períodos distintos da sua evolução urbana e que ainda coexistem na actualidade. A primeira caracteriza-se por uma estrutura urbana compacta, predominante até ao início da primeira década dos anos 2000. A segunda corresponde a um modelo de cidade difusa, marcado pela desconcentração das infra-estruturas e pela expansão urbana, tendência que actualmente orienta o ordenamento territorial do município. Por outro lado, Quelimane é uma cidade que enfrenta desafios relacionados com as infra-estruturas de transporte e com as limitadas oportunidades de emprego. Adicionalmente, apresenta uma superfície de relevo predominantemente plano, com uma altitude média de aproximadamente um metro acima do nível do mar (Araújo, 2018).

Neste contexto, o ciclotaxismo é analisado como uma componente integrante do espaço geográfico, influenciada por factores socioeconómicos, ambientais, culturais e políticos. Em Quelimane, o transporte de passageiros transcende a sua dimensão meramente técnica, constituindo também uma questão social,

cultural, económica e política. Desta forma, os serviços de transporte desempenham um papel fundamental na organização da mobilidade e na dinâmica de circulação das pessoas entre os espaços urbanos e rurais.

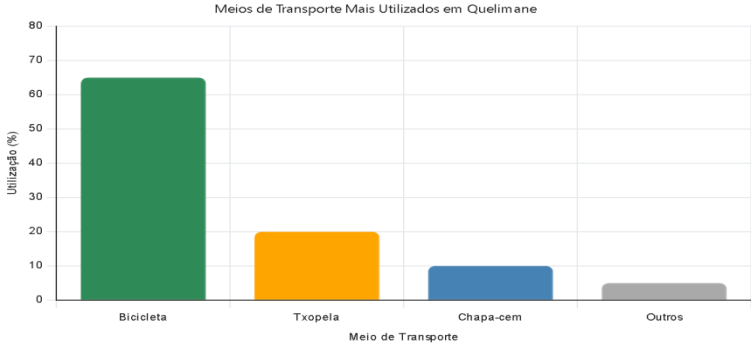
Figura: 25, 26, 27 e 28: Dinâmica dos meios de transportes.



Fonte: Capturada pelos autores (2024).

Entre os diversos meios de transporte disponíveis na cidade de Quelimane, a bicicleta destaca-se como o mais utilizado pela população. Este meio de transporte desempenha um papel fundamental na mobilidade urbana, facilitando a deslocação de pessoas tanto no centro da cidade como no interior dos bairros. Além disso, a bicicleta é amplamente empregue no transporte de mercadorias e outros bens, constituindo um elemento essencial para a dinâmica económica e social local. Conforme o gráfico:

Gráfico 1: Dinâmica dos meios de transportes na cidade de quelimane



Fonte: adaptado por IA (2026)

3 ENREDOS E MEMÓRIAS DOS MUNÍCIPES SOBRE AS DINÂMICAS SOCIAIS NA CIDADE DE QUELIMANE

Conforme referido no preâmbulo deste trabalho, uma das principais metodologias utilizadas para a recolha destas memórias foi a história oral, por possibilitar a exploração de elementos que vão além da comunicação verbal. Esta metodologia permite captar emoções, ressentimentos, traumas, alegrias, descontentamentos e outras manifestações que integram a performance dos narradores, conferindo maior densidade e profundidade às narrativas produzidas.

A história oral foi devidamente triangulada com a pesquisa bibliográfica e iconográfica, permitindo uma análise mais abrangente e consistente do fenómeno em estudo. O trabalho de campo foi realizado de forma colectiva e subdividido em equipas distribuídas pelos cinco (05) postos administrativos da cidade de Quelimane.

Para a recolha dos dados, foram seleccionados intencionalmente seis (06) entrevistados, considerando critérios como o género, idade e o tempo de residência na cidade. Foram privilegiados participantes com mais de 30 anos de vivência em Quelimane, de modo a assegurar um acompanhamento consistente das dinâmicas sociais, económicas e espaciais ocorridas ao longo do tempo.

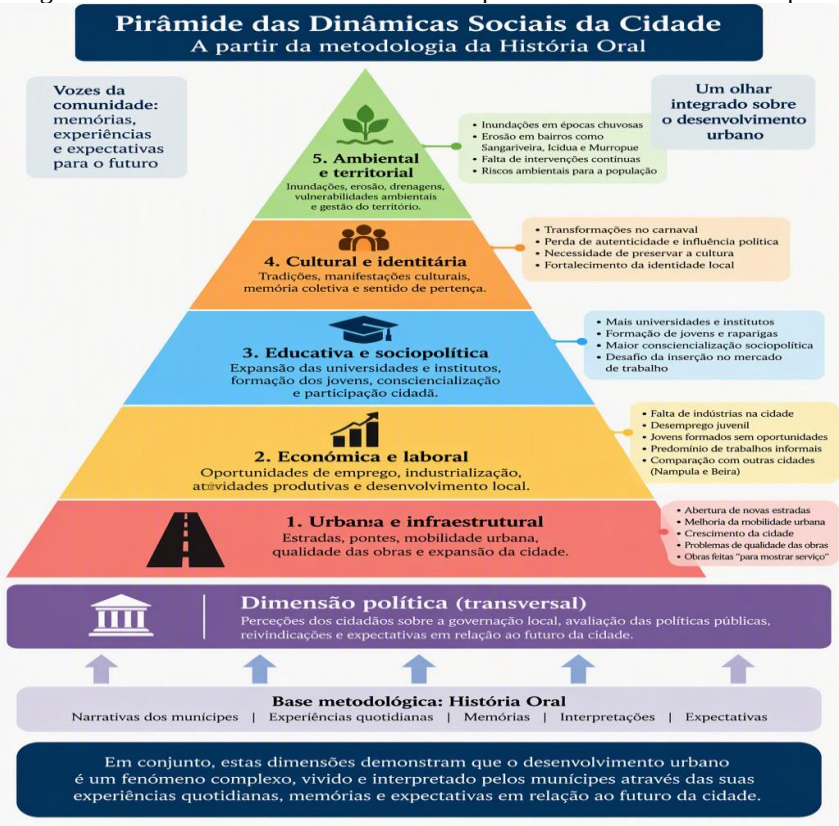
Não constitui objectivo deste trabalho proceder à conceptualização da história oral, mas sim utilizá-la enquanto prática metodológica de investigação. A pertinência desta abordagem manifesta-se na interpretação e análise das narrativas dos entrevistados, permitindo uma compreensão mais profunda das suas experiências, memórias e percepções sobre os fenómenos estudados. Contudo, sempre que possível, recorre-se à triangulação destas narrativas com os contributos teóricos dos autores apresentados no preâmbulo do trabalho, os quais se dedicam ao estudo metodológico da história oral. Esta articulação entre as fontes orais e a literatura especializada permite conferir maior consistência, rigor científico e fiabilidade às análises realizadas.

3.1 NARRATIVA DOS MUNÍCIPES SOBRE AS DINÂMICAS SOCIAIS DA CIDADE DE QUELIMANE

Questionado aos Munícipes como avaliam as dinâmicas da cidade de Quelimane?

A partir da metodologia da História Oral, as narrativas permitem identificar cinco grandes dimensões das dinâmicas sociais da cidade: (i) urbana e infraestrutural; (ii) económica e laboral; (iii) educativa e sociopolítica; (iv) cultural e identitária; e (v) ambiental e territorial, todas atravessadas por uma dimensão política ligada às percepções dos cidadãos sobre a governação local. Em conjunto, estas dimensões demonstram que o desenvolvimento urbano é um fenómeno complexo, vivido e interpretado pelos munícipes através das suas experiências quotidianas, memórias e expectativas em relação ao futuro da cidade.

Figura 29: Dinâmicas sociais na cidade de quelimane na voz dos munícipes



Fonte: Idealizada pelos autores e criada por IA (2026).

"Nos últimos anos, tenho observado mudanças significativas, sobretudo com a abertura e construção de novas estradas que passaram a ligar o interior dos bairros. Isso representa um avanço importante para a população e demonstra que a cidade está a crescer e a desenvolver-se. No entanto, nem tudo tem sido positivo. Muitas dessas obras são realizadas sem a qualidade necessária para garantir a sua durabilidade. Na minha opinião, os governantes deveriam preocupar-se mais com a qualidade do que com a aparência das intervenções, pois muitas vezes as obras parecem ser feitas apenas para mostrar serviço, sem responder verdadeiramente às necessidades da população. Apesar dessas limitações, reconheço que alguma melhoria é preferível à ausência total de investimentos. Como se costuma dizer, na falta do melhor, o pior acaba por servir. Ainda assim, acredito que o desenvolvimento da cidade deve ser acompanhado por um maior compromisso com a qualidade, a transparência e a responsabilidade. Vejo uma cidade em crescimento, com potencial para um futuro melhor, mas também vejo a necessidade de realizar obras que resistam ao tempo e que tragam benefícios reais para as gerações futuras. Como alguém que vive aqui há décadas e testemunhou cada etapa desta evolução, sinto orgulho pelos progressos alcançados, mas também espero que o desenvolvimento continue de forma mais planeada, sustentável e duradoura." (MUNÍCIPE 1, 2025).
Eu faço uma análise mais ou menos boa. Esta cidade precisa de mais oportunidade de trabalho, aqui tem muitos jovens formados mas que não encontram trabalho porque não temos industrias, o estado não consegue empregar a nós todos. Desde que moro aqui nunca vi uma indústria, e me pergunto o que se passa? Tu vais para outras cidades como Nampula e Beira jovens estão a trabalhar, mas aqui ou és pedreiro ou taxista de bicicleta. A autarquia está desenvolver, alargando as redes de estradas e pontes e isso é bom para mobilidade urbana, mas a cidade tem muitos desafios. (MUNÍCIPE 2, 2025).
Eu vou olhar mais para vertente do carnaval. Antigamente o carnaval não tinha nada a ver com a política, era algo que não se negociava, era sagrado uma tradição, agora acontece de qualquer forma e isso não da aquela sensação de identidade sabes? Temos que preservar as nossas culturas para não desaparecerem. (Munícipe 3, 2025).
A cidade agora tem muitas universidades e institutos de formação, muitos jovens estão se formando e isto ajuda na consciencialização sociopolítica dos jovens e raparigas. Mas também há problemas de falta de oportunidade de emprego. (Munícipe 4, 2025).

> Eu vou falar sobre as inundações em épocas chuvosas e na erosão. Esses problemas são graves e recorrentes, desde que fizeram aquelas drenagens em 2016 não fizeram mais outras, se você vai para bairros como Sangariveira, Icidua e Murropue a situação é crítica devido a erosão e o município nada faz de cocreto para se ultrapassar. (Munícipe 5, 2025).

3.1.1 Análise e interpretação das narrativas dos munícipes à luz da História Oral

As narrativas dos munícipes constituem fontes orais privilegiadas para a compreensão das dinâmicas sociais, económicas, culturais e ambientais da cidade. Na perspetiva da História Oral, os depoimentos não devem ser vistos apenas como relatos factuais, mas como expressões de memórias, experiências, perceções e significados atribuídos pelos sujeitos à realidade vivida. Conforme argumenta Portelli (1997), a principal riqueza da fonte oral não reside apenas na veracidade factual dos acontecimentos narrados, mas nos sentidos que os indivíduos atribuem à sua experiência histórica. Nesta perspetiva, os depoimentos evidenciam diferentes formas de perceção do desenvolvimento urbano, revelando tanto os avanços alcançados quanto os desafios persistentes.

O discurso do Munícipe 1 centra-se na transformação das infraestruturas urbanas, especialmente na abertura e construção de novas estradas. Ao afirmar que as estradas passaram a ligar o interior dos bairros, o entrevistado evidencia uma memória construída a partir da observação direta das mudanças ocorridas ao longo do tempo. Esta memória individual converte-se em memória coletiva na medida em que representa uma experiência partilhada pelos habitantes da cidade. Segundo Thompson (1992), a História Oral devolve protagonismo às pessoas comuns, permitindo compreender como as transformações históricas são experienciadas pela população.

O entrevistado reconhece que as obras representam um avanço importante para a população, associando a expansão da rede viária ao crescimento urbano. Entretanto, simultaneamente manifesta uma crítica relativamente à qualidade das intervenções públicas. Esta dualidade é particularmente relevante para a análise oral, pois demonstra que a memória não é um simples repositório de factos, mas um espaço de avaliação e interpretação. Conforme Alberti (2004), o depoimento oral articula lembrança e reflexão crítica, revelando o modo como o narrador interpreta os acontecimentos do passado e do presente.

Quando o entrevistado afirma que muitas obras *"parecem ser feitas apenas para mostrar serviço"*, emerge uma visão crítica sobre a governação local. Tal posicionamento evidencia aquilo que Montenegro (2007) identifica como a capacidade da História Oral de revelar conflitos, insatisfações e perceções que frequentemente permanecem ausentes dos discursos institucionais. A expressão popular "na falta do melhor, o pior acaba por servir" constitui ainda um elemento simbólico importante, demonstrando uma atitude simultaneamente resignada e esperançosa perante o desenvolvimento urbano.

O discurso do Munícipe 2 desloca o foco da infraestrutura para a problemática do emprego e da economia local. Ao afirmar que "esta cidade precisa de mais oportunidade de trabalho", o entrevistado

revela uma preocupação coletiva relacionada com a inserção profissional da juventude. Na lógica da História Oral, tal depoimento constitui um testemunho das tensões existentes entre expansão educacional e escassez de oportunidades económicas. A referência à existência de muitos jovens formados sem emprego permite identificar uma contradição social relevante. Por um lado, a cidade apresenta avanços no campo da educação; por outro, não oferece condições para absorver a mão-de-obra qualificada. Segundo Meihy (2005), as narrativas orais articulam diferentes temporalidades, unindo passado, presente e expectativas futuras. O entrevistado recorre à sua permanência histórica na cidade para conferir legitimidade à observação, afirmando que nunca viu uma indústria local ao longo da sua vida.

A comparação com cidades como Nampula e Beira também é significativa. Ao confrontar diferentes realidades urbanas, o munícipe constrói uma narrativa de desigualdade regional. Conforme Portelli (1997), as comparações presentes nos depoimentos revelam não apenas observações objetivas, mas também expectativas, frustrações e desejos dos narradores. A constatação de que os jovens locais acabam por exercer atividades como pedreiros ou taxistas de bicicleta demonstra uma perceção de mobilidade social limitada. Apesar das críticas, o entrevistado reconhece o esforço da autarquia na construção de estradas e pontes. Esta coexistência entre reconhecimento e insatisfação confirma a observação de Thompson (1992) de que os testemunhos orais são frequentemente complexos e contraditórios, refletindo a multiplicidade das experiências humanas.

A narrativa do Munícipe 3 dirige-se à dimensão cultural da cidade, especificamente ao carnaval. Ao afirmar que antigamente o carnaval era *"sagrado" e não possuía ligação com a política*, o entrevistado estabelece uma distinção entre o passado e o presente. Esta oposição revela aquilo que Vansina (2010) denomina de transmissão da memória cultural através da oralidade. Para o entrevistado, o carnaval representava uma tradição comunitária dotada de autenticidade e significado identitário. A perceção de que atualmente a celebração "acontece de qualquer forma" revela um sentimento de perda simbólica e de enfraquecimento das referências culturais coletivas.

Segundo Hampâté Bâ (2013), as tradições orais constituem patrimónios vivos que asseguram a continuidade dos valores e da identidade comunitária. Assim, o depoimento pode ser entendido como uma manifestação da preocupação com a preservação da herança cultural local. A afirmação *"temos que preservar as nossas culturas para não desaparecerem"* evidencia um discurso de salvaguarda patrimonial. Neste sentido, o testemunho aproxima-se das reflexões de Faria (2008), que defende que memória e património são elementos fundamentais para a valorização da identidade das comunidades. O entrevistado não está apenas a descrever mudanças no carnaval; está a denunciar aquilo que percebe como um processo de erosão cultural.

O Munícipe 4 enfatiza os avanços educacionais observados na cidade. A referência ao aumento do número de universidades e institutos de formação sugere uma perceção positiva relativamente à expansão

das oportunidades educativas. Na perspetiva da História Oral, este testemunho evidencia a importância que a população atribui à educação como instrumento de transformação social. Ao afirmar que muitos jovens estão a formar-se e que isso contribui para a consciencialização sociopolítica, o entrevistado associa educação e cidadania. Segundo Rovai (2013), os testemunhos orais permitem compreender a forma como as pessoas atribuem significado aos processos sociais. Neste caso, a educação é entendida como mecanismo de emancipação e participação social.

Contudo, o entrevistado também menciona a falta de oportunidades de emprego. Este elemento reforça a problemática já apontada pelo Munícipe 2, demonstrando a existência de uma memória coletiva sobre a dificuldade de inserção profissional dos jovens. Conforme Costa (2014), a análise das narrativas orais exige atenção às recorrências temáticas, pois estas revelam preocupações partilhadas por diferentes grupos sociais. Desse modo, verifica-se a emergência de um tema transversal relacionado com a juventude, educação e desemprego. Por fim, o depoimento do Munícipe 5, centra-se nos problemas ambientais que afetam a cidade, especialmente as inundações e a erosão. A referência aos bairros de Sangariveira, Icídua e Murropue demonstra um conhecimento concreto da realidade local e reforça o caráter testemunhal do relato.

Ao recordar as drenagens realizadas em 2016 e afirmar que posteriormente não foram desenvolvidas novas intervenções significativas, o entrevistado estabelece uma relação temporal entre ações passadas e problemas presentes. Segundo Alberti (2004), este tipo de reconstrução temporal constitui uma das características fundamentais das narrativas orais. A crítica à inação municipal revela um discurso de reivindicação social semelhante ao observado nos depoimentos anteriores. Na ótica de Montenegro (2007), as fontes orais são particularmente valiosas porque permitem compreender como os cidadãos interpretam a atuação das instituições públicas. O entrevistado destaca que os problemas ambientais não são episódicos, mas recorrentes, afetando continuamente determinadas comunidades urbanas.

Além disso, a preocupação com a erosão e as inundações evidencia uma dimensão ambiental da memória coletiva. Conforme Faria (2008), a relação entre população e território está profundamente associada à construção da identidade social. Assim, os fenómenos ambientais narrados representam não apenas desafios físicos, mas também ameaças ao bem-estar e à segurança das comunidades locais.

Consideradas em conjunto, as cinco narrativas revelam diferentes dimensões do processo de desenvolvimento urbano da cidade: infra-estrutura, emprego, educação, cultura e ambiente. Embora abordem temas distintos, todos os depoimentos convergem para uma percepção comum de crescimento acompanhado por desafios estruturais persistentes. Elas quando analisadas revelam uma cidade em transformação, marcada por avanços na mobilidade urbana e na educação, mas também por desafios relacionados com o desemprego juvenil, a preservação cultural, a qualidade das obras públicas e os problemas ambientais. Sob a ótica da História Oral, estes depoimentos constituem não apenas relatos

individuais, mas expressões de uma memória coletiva que evidencia as múltiplas perceções dos habitantes sobre o passado, o presente e o futuro da cidade.

4 CONCLUSÃO

O presente estudo analisou as dinâmicas sociais da cidade de Quelimane a partir das narrativas dos seus munícipes, recorrendo à metodologia da História Oral para compreender as transformações urbanas, económicas, culturais, educativas e ambientais vividas entre 2024 e 2025. A pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou entrevistas, análise bibliográfica, documental, iconográfica e observação direta. O referencial teórico demonstrou que a História Oral é uma importante ferramenta para compreender as relações entre memória, identidade e sociedade, valorizando as vozes dos sujeitos historicamente pouco representados nos documentos oficiais. Os resultados evidenciaram cinco dimensões centrais das dinâmicas sociais locais: urbana e infraestrutural, económica e laboral, educativa e sociopolítica, cultural e identitária, e ambiental e territorial. As narrativas revelaram avanços na mobilidade urbana e na expansão do ensino, mas também desafios relacionados com o desemprego juvenil, a fragilidade das infraestruturas, a preservação cultural e os problemas ambientais. De forma transversal, destacou-se uma forte consciência crítica dos munícipes em relação à governação local. Conclui-se que Quelimane vive um processo contínuo de transformação, no qual as memórias e experiências dos cidadãos constituem elementos fundamentais para compreender o presente e projetar o futuro da cidade.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1990. 197 p.

CARTAS EDIFICANTES da Província de Portugal S.J. I Anno – Colégio do Barro, Portugal,1909. Catedral de Quelimane, **Processo nº 2585, 1959**, Arquivo do Ministério das Obras Públicas e Habitação, Moçambique.

COMISSÁRIO, Cândido. **Comissario, Sistemas de transportes e ordenamento territorial na cidade de Quelimane**: Táxi-bicicleta e seus itinerários. Universidade Rovuma, 2020.

CONSELHO MUNICIPAL DE QUELIMANE (2015). **Discurso das Presidente alusivo as comemorações dos 75 anos da Cidade de Quelimane**. Quelimane: CMQ.

COSTA, Cléria Botelho da. A escuta do outro: os dilemas da interpretação. Dossiê História Oral, 2014.

DA COSTA ROSÁRIO, Carmeliza Soares. Donas da cidade: navegando Arquivo de factos e fantasia na memória das donas de Quelimane. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 6, n. 11, p. 54-66, 2017.

FARIA, Sara Oliveira. **Memória e história**: cultura, patrimônio e turismo. Salvador: UNEB, 2008.

FERNANDA, Maria, "O Panorama Turístico de Quelimane", **Boletim Geral do Ultramar**, nº 514, Abril 1968, p. 181-183.

FERNANDES, José Manuel. **Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa**. Casal de Cambra: Caleidoscópio. 2005

FERRÃO, Jorge; Elielba Nascimento. Reis **Uma análise comparativa do carnaval de salvador e do "pequeno brasil"** Quelimane.

FORMOSINHO Sanches **Arquitectura Moderna Brasileira, Arquitectura Moderna Portuguesa, Arquitectura, nº 29**, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. 1949

FRANCISCO, João Baptista; Mendiate, Bruno Domingos et al. história oral como meio de escuta conversacional e sensível com adolescentes vendedores ambulantes de bolinhos: o caso da Autarquia de Quelimane, Província da Zambézia. **Aurum Revista Multidisciplinar**, v. 2, n. 9, p. e262377-e262377, 2026.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). **História geral da África I**: metodologia e pré-história da África. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

JOSÉ Fernandes; José Capela, "Equipamentos e Infra-Estruturas Quelimane", **Heritage of Portuguese Influence/ Património de Influência Portuguesa — HPIP**, disponível em: http://www.hpip.org/def/pt/Conteudos/Navegacao/NavegacaoGeograficaToponimica/Localida de?a=339.

LOBATO, Manuel. Relações comerciais entre a Índia e a costa Africana nos Séculos xvi e xvii. O papel do guzerate no comércio de Moçambique. **Mare Liberum**, v. 9, n. 1, p. 157–180, 1995.

LOUREIRO João, **Postais Antigos & Outras Memórias da Zambézia**. Lisboa: Maisimagem Comunicação Global. 2001

MALYN Newitt, **História de Moçambique**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1997.

MARÇAL, B. J. N. (2016). **Um império projectado pelo 'silvo da locomotiva'**. O papel da engenharia portuguesa na apropriação do espaço colonial africano. Angola e Moçambique (1869-1930). Lisboa: U. Nova de Lisboa. Diss. doutoramento.Mateo, D. (1978). «

MARTINS de Almeida – **"Crónica de Quelimane", Rádio Moçambique**, vol. XXXVII, nº 423, Maio1972, p. 55.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2005.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

NEWITT, Malyn. **História de Moçambique**. Publicações Europa-América, Portugal, 1997.

NHANENGUE, Regina da Cruz Caminho. Identidade e Memória: Uma análise histórico-cultural do povo chuabo em Quelimane. **Revista Digital Acadêmico Mundo**, v. 20, n. 17, p. e97-e97, 2026.
Plano de requalificação urbana (2020). Quelimane: Conselho Municipal.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233. Acesso em: 25 out. 2026.

RODRIGUES, Eugenia. Female Slavery, Domestic Economy And Social Status In The Zambezi Prazos During The 18 Century. Slavery and Society in the Rios de Sena Region. In: CLARA, SARMENTO (Org.). . **Women in the Portuguese Colonial Empire**: The Theatre of Shadows. New Castle: Cambridge Scholars Publishing, 2008. p. 31–293.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Aprendendo a ouvir: a história oral testemunhal contra a indiferença. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 129-148, 2013.

SERRA, Carlos. **Como a Penetração estrangeira transformou o modo de produção dos camponeses moçambicanos**. Volume II. Núcleo editorial da UEM, Maputo, 1986.

SILVA Catarina Delgado Mateus da. **Arquitectura moderna na áfrica lusófona**: Quelimane e a obra de João Garizo do Carmo (1952-1970). Lisboa: Instituto Superior Técnico.

SOUZA, Aparecida Valéria Salviano de. **A representação dos pretos na missão educativa dos jesuítas portugueses na Zambézia no início do século XX**. 2019. 98 f. Dissertação (Programa Stricto Sensu em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2019.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Valler Frei Vito (2002). **Os Capuchinhos em Moçambique**. Maputo: Universidade Católica de Moçambique.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). História geral da África I: metodologia e pré-história da África. 2. ed. Brasília: **UNESCO**, 2010. p. 139-166. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000042767_por. Acesso em: 25 out. 2026.